



## HISTÓRIA CULTURAL E SUA INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE AS MULHERES

*Priscila Caroline Mendes, Adriana Duarte Borges Aquino, Cristiane Rodrigues Brito,  
Elisdael Oliveira Santos, Márcia Valéria Soares dos Reis, Kelly Silva Vieira, Keila das Dores Alves*

### Introdução

Nas últimas décadas a escrita da história passou por grandes transformações não só teóricas, mas também de cunho metodológico, tais transformações possibilitaram aos historiadores estabelecerem novos enfoques, buscando novos atores e objetos de pesquisa. Com a abertura do olhar do historiador foi possível enxergar temas e grupos sociais que outrora encontravam-se à margem dos estudos históricos, tais como os operários e as mulheres.

Este movimento de transformação fez com que a História Cultural vivesse um momento de renovação, sendo inclusive intitulada de Nova História Cultural e entendida como um novo paradigma de pesquisa.

Nesse sentido, o trabalho, ora proposto, objetiva analisar a evolução da história cultural, as mudanças de objeto, o alargamento das fontes, observando as contribuições da micro-história para a construção da Nova História Cultural e da emergência da História das mulheres.

### Material e métodos

O desenvolvimento do presente trabalho se deu a partir de um levantamento bibliográfico de historiadores que já abordaram o tema em suas pesquisas, buscando preferencialmente trabalhos em que a história cultural e a história das mulheres sejam objetos de discussão. Utilizando ainda como fonte de pesquisa as obras “Atos Impuros: a vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença”, de Judith Brawn; “História e Crime: Quando a Mulher é a Ré, Franca 1890-1940”, de Regina Célia Lima Caleiro; e “Dar a alma: História de um infanticídio”, de Adriano Prosperi. Assim, a partir das conjecturas dos citados autores, bem como de suas obras, o presente estudo se propõe analisar e evidenciar como a história das mulheres tornou-se objeto de estudo dos historiadores.

### Resultados e Discussão

Nos dizeres de Pesavento [5] a História Cultural está na ordem do dia, sendo considerada por alguns como a abordagem historiográfica que se traduz hoje no *crème de lá crème* dos historiadores, entretanto, nem sempre essa foi a realidade da história cultural.

Como bem lembrou Peter Burke [2] (p.7) a história cultural, outrora uma Cinderela entre as disciplinas, fora desprezada por suas irmãs bem-sucedidas, sendo redescoberta nos anos de 1970. Nos primeiros momentos da história cultural os historiadores que a faziam se limitavam em analisar tão somente a produção cultural literária e artística, oficialmente reconhecidas, não havendo espaço para objetos culturais populares.

Entretanto, em 1970, as mudanças que ocorriam na história, a crise dos paradigmas explicativos da realidade, que levaram a rupturas epistemológicas profundas, colocando em xeque os marcos conceituais dominantes na História, levaram os historiadores a pensarem uma nova história cultural. [6]

Neste sentido Pesavento [5] (p.10) nos ensina que “foi ainda da vertente neomarxista inglesa e da história francesa dos *Annales* que veio o impulso de renovação, resultando na abertura desta nova corrente historiográfica a que chamamos de História Cultural ou mesmo de Nova História Cultural”.

Assim, deixou-se de lado as concepções de viés marxista, que percebiam a cultura como parte da superestrutura, como mero refluxo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites. De igual modo, foram deixadas para trás concepções que opunham à cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico. Afastou-se também as assertivas herdeiras de uma concepção da *belle époque*, que entendia a literatura e, por extensão, a cultura, como o sorriso da sociedade, como produção para o deleite e a pura fruição do espírito [6] (p.14/15).

Neste sentido a autora assevera que a Nova História Cultural, no final do século XX, se dedica a compreender a realidade do passado por meio de suas representações, ocupando-se de diferentes relações sociais. Não mais como uma mera história do pensamento, em que se estudavam os grandes nomes de uma dada corrente ou escola. Mas, enxergava a



o FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,  
PESQUISA, EXTENSÃO  
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015  
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo [6] (p.15).

Assim, a História Cultural ganha uma nova roupagem alargando seus objetos, ampliando seu olhar e fazendo uso de novas metodologias para fazer história.

Lacerda Filho [4] (p.01) certifica que, ao tratar de Nova História Cultural, é importante “abordar alguns aspectos da Micro-história, uma vez que esta é um desdobramento teórico intimamente ligado ao surgimento da Nova História Cultural”. Não há dúvidas de que a micro-história representa no âmbito da historiografia, uma renovação das abordagens e das metodologias de pesquisas.

De acordo com Giovanni Levi *apud* Vainfas [9] (p.68), o surgimento da micro-história tem a ver com o debate intelectual e historiográfico das décadas de 1970 e 1980, portanto, está ligada a questão da crise do paradigma marxista e de outros modelos de história totalizantes e com a solução das mentalidades, que cedo se mostrou inconsistente no plano estritamente teórico-metodológico, possuindo, assim, a micro-história uma posição bem específica dentro da Nova História.

Vainfas [9] destaca que os propósitos da micro-história se moviam no campo das críticas à história das mentalidades, não se confundindo com elas, mas se alinhando em inúmeros aspectos no campo da Nova História Cultural.

De acordo com o autor, as principais características da micro-história residem na adoção da escala reduzida de observação, na exploração exaustiva das fontes, na descrição etnográfica e a preocupação com a narrativa [9].

Nesse sentido, o historiador Jose D’Assunção Barros [1] nos ensina que a micro-história não se relaciona necessariamente ao estudo de um espaço físico reduzido, embora isto possa ocorrer. O que a Micro- História propõe é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos, que de outro modo passariam despercebidos.

Ao discorrermos sobre micro-história nomes como: Carlos Ginzburg e a sua obra celebre “O queijo e os vermes”; Judith Brown, com a obra “*Atos impuros*”; e Geovanni Levi, com a obra “*A herança imaterial*”, não podem ser esquecidos, haja vista que essas obras possibilitam vislumbrar, com clareza, a micro-história em cena.

Vainfas [9] chega a dizer que a obra de Ginzburg constitui-se em um quase manifesto da nova história cultural, pois afastando-se da história do domínio das elites, ele conta a história de um indivíduo comum, individualizado, não massificado, mas com nome, rosto e voz.

É importante perceber que a micro-história alterou as formas do fazer histórico, modificando a escala de observação na pesquisa. Ao propor uma redução de escala de análise, uma descrição do social visto de baixo, mais detalhada explorando ao máximo seu objeto de estudo, renunciando a história geral/total, permitiu que as experiências individuais, locais, antes marginalizadas, ganhassem espaço na pesquisa histórica e assim viabilizou a construção e a realização da proposta de uma Nova História Cultural.

A partir da micro-história foi possível pôr em prática a proposta da Nova História Cultural, que, como vimos, buscava compreender a realidade do passado por meio de suas representações, ocupando-se de diferentes relações sociais, “interessando-se por sujeitos produtores e receptores de cultura”.

De acordo com Burker [2] a Nova História, quer seja social ou cultural, propunha o deslocamento do interesse pela vida e obra dos grandes homens e grandes datas para as pessoas e acontecimentos comuns; a necessidade de se ir além dos documentos escritos e registros oficiais; a história não seria objetiva, mas sujeita a referências sociais e culturais de um período. Uma das novidades da Nova História Cultural seria a proposição de uma história vista de baixo, em contraposição a outra vista de cima, e que está relacionada ao problema do papel dos sujeitos coletivos ou individuais da história. [10] (p.89).

É também no momento desta ebulição de novos objetos e de novas abordagens que a história da mulher ganha espaço e vez. Neste sentido, Soihet [7] afirma que as contribuições recíprocas decorrentes da explosão do feminismo e das transformações na historiografia, a partir da década de 1960, foram essenciais na emergência da História das Mulheres. Ressaltam-se as contribuições da História Social, da História das Mentalidades e, posteriormente, da História Cultural, articuladas ao crescimento da antropologia, que tiveram papel decisivo nesse processo, em que as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da História.

Scott [8] (p.73) afirma que “a emergência da história das mulheres como um campo de estudo acompanhou as campanhas femininas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão dos limites da história”. De tal modo, o surgimento da nova história cultural proporcionou um importante veículo para a história das mulheres. Scott [8] (p.81) salienta que “a associação de um novo tópico com um novo conjunto de abordagens enfatizou a reivindicações da importância, ou pelo menos a legitimidade do estudo das mulheres”.

Jardim e Piepper [10] destacam que a história não é somente a soma dos acontecimentos, é também o que se escreve sobre esses fatos. Diante disso, é evidente que o esquecimento da mulher no processo histórico não está ligado a acontecimentos passados, mas na escrita desses acontecimentos. Assim, a mulher nunca deixou de fazer história,



contudo, foi escolhido não registrar as suas falas, suas ações, ou melhor, sua história.

Socott [8] certifica que a maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma inclui-las como objeto de estudo, como sujeitos da história, trabalhando a ideia de que o ser humano universal poderia incluir a mulher e proporcionar evidência e interpretações sobre as várias ações e experiências das mulheres do passado.

Neste ponto convém mencionar que as obras apontadas por Ronaldo Vainfas [9] no livro “Os protagonistas anônimos da história: a micro-história”, especialmente a obra “Ato Impuro: a vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença”, de Judith Brawn, além de exemplificar uma concreta feitura de micro-história, também demonstra como a história das mulheres tornou-se objeto de estudo dos historiadores.

Na obra, Judith Brawn, em uma visível redução de escala de pesquisa, retrata a vida de Benedetta Carlini de Vellano, a visionária abadessa das freiras Teatinas de Pescia, que viveu no séc. XVI, colocando questões que até então não eram discutidas nem abordadas, como a sexualidade e lesbiandade.

O relato da vida de Benedetta significou a construção de uma história da mulher como de fato é, não mais se associando à figura de um ser indefeso e frágil, pois Benedetta se apresenta como uma mulher forte, persuasiva, capaz de envolver aqueles que estavam à sua volta, decidida a conquistar seus interesses.

Por esta mesma perspectiva de fazer a história da mulher, a historiadora Regina Célia Lima Caleiro, em sua obra “História e Crime: Quando a Mulher é a Ré, Franca 1890-1940”, coloca em evidência as condições de vida experimentadas pelas mulheres, apontadas como agentes de crimes.

Partindo da análise dos processos judiciais e das sentenças condenatórias, a autora nos leva a perceber o quanto a mulher era vista como frágil e incapaz pela justiça da época, pois mesmo depois de ter sido considerada culpada, Rosa América fora absolvida por unanimidade.

Esta imagem de fragilidade da figura feminina, imposta outrora, também pode ser vista na obra de Adriano Prosperi intitulada “Dar a alma: História de um infanticídio”.

Este conjunto de obras permite observar que as transformações metodológicas, que viabilizaram a renovação da história cultural, abriu espaço para a construção da história da mulher. Agora, como sujeito e objeto de pesquisa a mulher alcança a cada dia mais lugar nas pesquisas, evidenciando sua consolidação e contínua evolução.

## Considerações finais

Diante de tudo que aqui se expôs, pode-se concluir que as transformações ocorridas na historiografia a partir da década de 1970, sobretudo o surgimento da micro-história, que trouxe a análise voltada para novos objetos, influenciaram de maneira substancial na construção de um Nova História Cultural. De igual modo, viabilizada a pesquisa dos aspectos cotidianos da sociedade, bem como de comportamentos sociais de grupos determinados, antes relegados pela história, pôde-se dar voz às mulheres e, assim, produzir uma história das mulheres que até então não possuía espaço, tampouco vez.

## Referências

- [1] BARROS, José D'Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- [2] BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Trad. Sérgio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.
- [3] BURKE, Peter. *Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro*. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. SP: Unesp, 1992, p. 7-16.
- [4] FILHO LACERDA, Mozart. *Nova história cultural e micro-história: uma breve reflexão de suas origens*. Disponível em: <http://www.revelacaoonline.uniube.br/2005/314/artigo.html>. Acessado em 10.06.2015.
- [5] PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História Cultural: experiências de pesquisa*. (Org.) et al. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- [6] PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Historia e Historia Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- [7] SOIHET, Rachel. *História das mulheres e relações de gênero: debatendo algumas questões*. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/16.shtml> Acessado em: 10.06.2015
- [8] SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: BURKE, Peter. (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. 4ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 63-95
- [9] VAINFAS, Ronaldo. *Micro-história: Os protagonistas anônimos da História*. Rio de Janeiro: Campos, 2002.
- [10] JARDIM, Rejane Barreto. PIEPPER, Jordana Alves. *Aproximações e divergências: história social, história cultural e a perspectiva gênero*. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1335/1053>. Acessado em 10.06.2015.